

COOPERATIVISMO E SUCESSÃO FAMILIAR: O LEGADO QUE NASCE DENTRO DE CASA

Ainor Francisco Lotério

*Reflexão originada da participação em obra coletiva sobre a história do
cooperativismo no Sul do Brasil*

INTRODUÇÃO

Há um instante silencioso em toda propriedade rural em que o futuro se decide sem que ninguém perceba. Não é na assinatura de um inventário, nem na leitura de um testamento, nem na partilha de escrituras diante do tabelião. É muito antes disso. É quando um pai convida ou não convida o filho para sentar-se à mesa das decisões, quando uma mãe pergunta ou não pergunta à filha o que ela pensa sobre a lavoura, quando um jovem escuta ou não escuta a razão pela qual seus avós fundaram uma cooperativa. A sucessão familiar não começa na morte de uma geração, mas na vida compartilhada entre duas gerações. E é justamente aí, nesse território íntimo, que o cooperativismo revela sua face mais profunda e mais esquecida.

A filosofia nos ensina que herdar é diferente de suceder. Herdar é receber. Suceder é dar continuidade. Aristóteles dizia que somos aquilo que repetidamente fazemos, e portanto a excelência não é um ato, mas um hábito. Aplicada à terra, essa sentença significa que ninguém se torna sucessor no dia da partilha. Torna-se sucessor ao longo de milhares de manhãs em que aprendeu a olhar o céu, a reconhecer o solo, a confiar no vizinho, a compreender que a colheita de um depende do esforço de todos. É disto que trata a Agrosafia: da mística da vida com base no agro, do saber agrônômico elevado pela filosofia e sustentado pela fé.

Fui criado nesse território. Filho de agricultores familiares e cooperativistas, trabalhei até os dezoito anos na lida crua do campo, em Vidal Ramos, Santa Catarina. Éramos onze filhos, e aos cinco anos de idade eu já conduzia cavalos e bois que tracionavam os implementos de preparo do solo. Lembro-me com nitidez de meu pai, Auri Fábio Lotério, saindo pelos campos a convidar agricultores para fundar uma cooperativa. Ele não falava de balanços, de sobras ou de assembleias. Ele falava de gente. E foi assim que aprendi, antes de qualquer livro, que uma cooperativa não possui associados, mas os associados possuem a cooperativa.

Este texto nasceu de uma reflexão que desenvolvi como fruto da minha participação em obra coletiva dedicada à história do cooperativismo no Sul do Brasil, quando fui convidado a escrever sobre o elo, tantas vezes ignorado, entre a sobrevivência das cooperativas e a continuidade das famílias que as sustentam. A tese é simples e incômoda. **Se não houver sucessão nas propriedades, não haverá sucessão nas cooperativas.** Uma cooperativa não morre por falta de capital. Morre

por falta de sucessores.

TODA A MINHA EXTENSÃO FOI FEITA COM A JUVENTUDE

Não escrevo estas linhas do alto de uma cátedra. Escrevo de dentro de uma trajetória inteira de extensionista rural que teve um único endereço: os jovens do campo e do mar.

Comecei nos **Clubes 4-S**, aquela pedagogia luminosa que ensinava a **Saber, Servir, Sentir e ter Saúde**. Não era um método de treinamento agrícola. Era um método de formação humana. Saber, porque o conhecimento liberta. Servir, porque quem não serve não serve. Sentir, porque a razão sem afeto endurece o coração. Saúde, porque nenhum projeto de vida se sustenta sobre um corpo e uma alma adoecidos. Aprender fazendo, era o lema. E aprendíamos, todos nós, extensionistas e jovens, no mesmo barracão, na mesma horta, no mesmo galpão.

Dos Clubes 4-S passei aos grupos de jovens, às associações juvenis, aos encontros comunitários. Depois vieram os conselhos, as escolas do campo, as pastorais. E, finalmente, o **Pró-Jovem**, programa de motivação para a qualidade essencial da juventude na agricultura e na pesca, do qual fui Gestor Estadual em Santa Catarina. Ali entendi que juventude rural não é uma faixa etária. É uma condição de esperança sob ameaça.

E há uma razão pessoal, que confesso sem constrangimento. Foi num grupo de jovens, o **CEJUCA, Centro de Esperança e Juventude de Camboriú**, que encontrei **Ana Maria Rebelo Lotério**, minha esposa. A juventude organizada não me deu apenas uma profissão. Deu-me uma família. Deu-me a aliança plena, aquele triângulo sagrado formado por Deus, por mim mesmo e pela companheira de vida. Quem já viu um grupo de jovens gerar um casamento, uma casa, filhos e netas sabe que a sucessão familiar não é teoria de gabinete. É experiência vivida.

Por isso afirmo com serenidade: **toda a minha extensão rural foi, do primeiro ao último dia, uma extensão com a juventude.**

MAIS DO QUE HERANÇA, UMA MEMÓRIA PLANEJADA

Sucessão familiar não é um evento jurídico. É um processo de transferência de legado pessoal, familiar, ambiental, financeiro, social e sustentável. Mais do que herança, uma família deve deixar à descendência uma memória planejada e transformadora da realidade da propriedade.

Os números desmentem qualquer otimismo ingênuo. Setenta por cento das transferências de patrimônio na família fracassam. Quando uma geração lega o saldo do seu esforço para outra, o montante transmitido costuma ser menor do que o recebido. E o foco do problema, ao contrário do que se supõe, não está apenas no jovem. Está em toda a família. Os jovens, sozinhos, jamais serão capazes de prevenir

um problema que só pode ser evitado pela união e pelo esforço de todos. **A descontinuidade patrimonial é sintoma de uma descontinuidade no plano dos valores.**

Os estoicos já haviam percebido algo semelhante. Sêneca lembrava que nenhum vento é favorável a quem não sabe para onde vai. A propriedade que não sabe para onde vai não terá sucessores. Terá apenas espólio.

SUCESSOR NÃO É CLIENTE, MAS TAMBÉM DONO

Herdeiros, todos os filhos e filhas são. Sucessores, nem todos. Há entre uma condição e outra um abismo feito de preparo técnico, cultural, espiritual e gerencial que a lei não atravessa e que somente a educação percorre.

Um sucessor nem sempre é uma pessoa com atributos iguais aos de seus pais, mas semelhantes aos deles. Se fossem idênticos, tudo continuaria do mesmo modo na propriedade, o que nem sempre é conveniente. **O sucessor não deve ser visto como um suplente comum, mas como um dono na origem.** Do mesmo modo que o associado não é cliente da cooperativa. Ele é a cooperativa.

Aqui reside o erro pedagógico de gerações inteiras de dirigentes. Tratamos o jovem como consumidor de serviços cooperativos, quando ele é coproprietário de um patrimônio doutrinário. Oferecemos-lhe desconto no insumo, quando deveríamos oferecer-lhe assento na assembleia.

A CARTA DA JUVENTUDE E O DIAGNÓSTICO QUE AINDA DÓI

Em 1999, no exercício da função de Gestor Estadual do Pró-Jovem, participei da construção da **Carta da Juventude Rural e Pesqueira de Santa Catarina**, fruto de parceria entre o Governo do Estado, a Epagri e a sociedade catarinense. Aquele documento já anunciava o que hoje contemplamos consumado.

A juventude carecia de política pública contínua que assegurasse qualificação profissional e valorizasse as aspirações dos futuros sucessores. A maioria dos jovens não vislumbrava futuro seguro no espaço rural e pesqueiro, encontrando-se desmotivada, insegura e despreparada para a missão que a sucessão lhes reservava. Sua participação na família e na cooperativa era reduzida, e suas ideias não eram ouvidas nem consideradas plausíveis. Havia demora prolongada no processo sucessório de gestão da propriedade, somada à falta de serviços médicos e odontológicos, de lazer e de infraestrutura. E os meios de comunicação, hoje as redes sociais, sugeriam uma vida urbana mais atrativa que a rural.

Passadas mais de duas décadas, o êxodo continuou. E a ele somou-se algo que a Carta não previu: **o decréscimo acentuado da taxa de natalidade.** Faltam sucessores não apenas porque partem, mas porque não nascem.

FILHOS DO ÊXODO RURAL

É preciso coragem para olhar o passado sem nostalgia complacente. Nossos filhos e filhas foram conduzidos ao trabalho familiar de um modo desmotivador. Deviam trabalhar sem perguntar quanto rendia a safra. Estudavam apenas os mais fracos ou doentes. As mulheres eram praticamente destituídas de herança. Os mais velhos casavam e partiam. O mais novo quase sempre ficava cuidando dos pais e recebia a propriedade como compensação por esse esforço. Faltava terra e sobravam filhos. A adoção de novas tecnologias era lenta, e os jovens eram pouco envolvidos, pois somente os pais participavam das reuniões das entidades.

Nem tudo foi sombra. Da Escola Multisseriada de Antas Gordas trago as melhores lembranças, porque ali nossa educação era, ela própria, cooperativa. Somos um povo de origem rurícola, portador de uma feliz saudade da vida no campo.

SUCESORES COM CHEIRO DE TERRA

Um programa de sucessores rurais familiares deve focar no desenvolvimento humano. Não se trata apenas de formar interessados em trabalhar no campo, mas **sucessores com cheiro de terra e gosto pela vida no campo**, capazes de unir enraizamento e inovação.

A tendência é o surgimento de novos empregos nas áreas de tecnologias inovativas: monitoramento, agricultura de precisão, planejamento, gestão de pessoas, mercado financeiro. A agricultura é o setor que mais positivamente responde na composição e elevação do Produto Interno Bruto brasileiro.

Quem se liga à terra nunca erra, especialmente se o fizer no sentido de pátria dos sonhos e da realização pessoal e profissional. Quem não deseja hoje ao menos ter um sítio? Imaginemos ser filho de agricultores e deixar a terra escapar das mãos.

Quanto maior a mesa da cooperação, mais se comunga do mesmo pão. E quanto mais diversificada a propriedade familiar, em atividades agrícolas e não agrícolas, maior a chance dos filhos se tornarem sucessores por atividade, e não por obrigação.

A COOPERATIVA NASCE DENTRO DE CASA

É no seio das famílias que se inicia o compartilhamento de tarefas, a solidariedade, a livre adesão e o comprometimento com o outro. Nas decisões democráticas e amorosas, o interesse em aprender e ensinar toma corpo. Nas propriedades menores, a atitude voluntária cooperativa é o que faz a família prosperar. Não basta trabalhar e produzir se os produtores não se unirem em cooperação.

A comunhão cooperativa vence sobre as divisões individualistas. As sobras auferidas pelas cooperativas animam os associados participativos, cooperadores e não trapaceiros.

A principal tarefa da educação cooperativista é promover a integração social e a participação dos cooperados, fazendo com que se insiram criticamente na gestão do empreendimento. As novas gerações precisam ser iniciadas na nobreza do verdadeiro cooperativismo, de maneira que entendam por que muitas cooperativas faliram enquanto outras funcionam tão bem até nossos dias. Uma cooperativa é entidade complexa, cujo funcionamento muitos sócios desconhecem. Mas precisam se interessar. Afinal, a empresa cooperativa é deles.

CONCLUSÃO

O desafio central não é jurídico nem financeiro. É pedagógico. Trata-se de produzir conteúdo e idealizar estratégias preditivas que preparem associados, lideranças, pais e filhos para serem sucessores dos bens, dos conhecimentos, das inovações, dos deveres e dos direitos.

Família e cooperativa não são entidades ambivalentes. São organizações voluntárias, abertas ao desenvolvimento, com interesses comuns na mesma sociedade onde se fundam. Uma cooperativa deve ir muito além dos seus muros, mas antes disso precisa entrar dentro das casas.

Aprendi isso nos Clubes 4-S, confirmei no Pró-Jovem, celebri no CEJUCA e vivo até hoje na Chácara Agrosafia. Saber, Servir, Sentir e ter Saúde continua sendo a mais bela síntese do que se espera de um sucessor.

Acolhamos os sucessores potenciais não como simples herdeiros, mas como legatários ideais dos empreendimentos e sonhos familiares cooperativistas.

Em última análise, a sucessão familiar acontece cooperativamente dentro da propriedade, pois é aí que a própria cooperativa nasce de verdade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, E. et al. **Êxodo e sua contribuição à urbanização de 1950 a 2010**. Revista de Política Agrícola (Embrapa), Ano XX, n. 2, abr./jun. 2011, p. 80-88.
- KISCHENER, M.; KIYOTA, N.; PERONDI, M. **Sucessão geracional na agricultura familiar: lições apreendidas em duas comunidades rurais**. 2020.
- LOTÉRIO, A. F. **Pais frouxos, filhos sofredores; pais firmes, filhos felizes: reflexões, agrosafia e motivação**. Chapecó: Arcus Indústria Gráfica, 2015. 300 p.
- MEMLAK, A. F.; DEWES, F. **Cooperativismo e juventude: as perspectivas de participação dos jovens das famílias associadas à cooperativa extremo norte**. Emater/RS, 2020.
- MORAES, J. L. A.; SCHWAB, P. I. **O papel do cooperativismo no fortalecimento da agricultura familiar**. 2020.
- PASQUALINI, A. **Sucessão familiar**. Revista Rio Grande Cooperativo, ano 4, n. 13. Porto Alegre: SESCOOP/RS, 2018.
- ROSA, C. I. L. F.; SILVA, O. H. **Sucessão familiar e cooperativismo: o caso da Cooperativa Cooperval**. Revista NUPEM, 2020.

SOBRE O AUTOR

Ainor Francisco Lotério é engenheiro agrônomo, filósofo, teólogo e diácono permanente, mestre em Gestão de Políticas Públicas e instrutor do Sescop. Nasceu em 27 de janeiro de 1961, na Comunidade de Campestre, em Vidal Ramos, Santa Catarina, filho de Auri Fábio Lotério, cooperativista fundador da CRAVIL, e de Érica Laurentino Lotério. Reside em Camboriú, onde mantém a Chácara Agrosafia, na Comunidade Rural do Braço, dedicada ao reflorestamento com espécies nativas da Mata Atlântica. É casado com Ana Maria Rebelo Lotério, a quem conheceu no CEJUCA, Centro de Esperança e Juventude de Camboriú.

Sua trajetória de extensionista rural foi integralmente dedicada à juventude do campo e do mar, dos Clubes 4-S, com sua pedagogia do Saber, Servir, Sentir e ter Saúde, até o Pró-Jovem, do qual foi Gestor Estadual em Santa Catarina. Atuou na extensão rural e na direção estadual da Epagri, foi Prefeito Municipal de Camboriú, assessor na Assembleia Legislativa de Santa Catarina e consultor da Emater/RS-Ascar nas áreas de Comunicação, Juventude e Mulheres. Apresenta o programa de rádio Alegria de Viver desde 1989.

Publicou **Paixão pelo Cooperativismo, Pais Frouxos, Filhos Sofredores; Pais Firmes, Filhos Felizes, A Eternidade em Nós e Um Minuto de Inspiração**, além de capítulo em obra coletiva sobre cooperativismo e imigração alemã no Sul do Brasil, da qual se origina a reflexão aqui apresentada.

Criou o conceito de Agrosafia, elaborado ao longo de mais de quinze anos como filosofia que integra sabedoria agrícola, valores humanísticos e sustentabilidade, definida como a mística da vida com base no agro.

Escreve e fala sobre esses temas por uma razão simples. Porque a terra ensina, porque a cooperação salva e porque nenhuma geração tem o direito de entregar à seguinte um patrimônio maior do que os valores que o sustentam.

**www.loterio.com.br | www.ainor.com.br | www.agrosafia.com.br
ainorfloterio@gmail.com | WhatsApp (47) 99967-5010**